

sentidos, que o Espírito que nos fala é o que diz falar-nos, empreguemos todos os meios racionais para não sermos vítimas de uma substituição de nome que pôde prejudicar-nos, do mesmo modo que sucede em nossas relações sociais, por causa da identidade da pessoa que nos escreve sobre assunto de importância.

O que faz quem recebe uma carta, em que se lhe ordena ou pede a entrega de valores ou documentos de grande interesse, á pessoa desconhecida, no caso da firma da carta ser a da pessoa que tem o direito de dar essa ordem? Consulta detidamente o conteúdo da carta e observa se está escrita de conformidade com os precedentes que essa firma inculca — estuda se envolve alguma contradição ou conceito em desharmonia com os pormenores do assunto, e, se nada lhe provoca suspeita, entrega os valores ou documentos, sem desconfiança e sem receios.

Poderá acontecer que haja um engano; porém, nem tais enganos são comuns, porque, se se dão uma ou outra vez, não interrompem a boa marcha das relações sociais.

Pois bem; quando, em uma comunicação virmos aparecer a firma de um amigo, de um irmão, de uma mãe, ou de qualquer pessoa que foi da nossa intimidade, estudemos se o carácter da comunicação está em harmonia com o da pessoa que a deu; e se depois de uma escrupulosa e severa análise, reconhecermos perfeita conformidade, porque duvidarmos da autenticidade?

Se vem ela firmada por um Espírito de cuja elevação não podemos duvidar, atento o nome que conquistou durante a sua passagem pela Terra, temos o direito de exigir pensamentos elevados, conselhos úteis, e proveitosos ensinos, consoantes com seus predicados em saber e em virtudes; e, se esta consonância se patenteia na comunicação, razão não temos para suspeitar da veracidade da firma, pois não é presumível que um Es-

pírito elevado substitua outro, sem ser por delegação dêste.

Pelo fruto se conhece a árvore, disse o divino Mestre. Façamos aplicação desta prudente máxima; julguemos os Espíritos por seus frutos, que são as comunicações — e, respeitando e aceitando as que nos encaminham para Deus, pela prática do bem, larguemos de mão as outras que, excitando a nossa concupiscência, tendem a desviar-nos do amor de Deus e do cumprimento do nosso dever.

IX

Desconfiança prudente. Prece. Evocação.

As comunicações frívolas, mesmo que sejam dignas de estudo, não por si, mas pelas considerações a que se prestam, produzem mais mal do que bem; pelo que, o dever do médium, que aspira colher da sua faculdade o melhor fruto, é evitá-las, procurando sujeitar seus trabalhos mediúnicos ao critério de pessoas ilustradas.

O médium pouco cauteloso é frequentemente vítima de certos Espíritos que, sob a aparência de moralizá-lo e guiá-lo, arrastam-no aos maiores absurdos.

A experiência nos ensina que se deve desconfiar das comunicações devidas aos esforços individuais e isolados. Sem ir mais longe, vemos que os médiuns de que atualmente dispõe o *Círculo Cristiano-Espiritista de Lérida*, por cujo intermédio temos conseguido em nossas sessões importantíssimos resultados, alguns dos quais vêm consignados nesta segunda parte, se têm achado na dura necessidade de não praticarem a mediunidade, senão em presença de assistentes, pois que, sóis, ou não obtêm resultado algum ou, se o obtêm, são comunicações insulsas — afirmações falsas, frivolidades, e contradições.

Jesús Cristo prometeu seu espírito aos que se reu-

nissem em seu nome — no amor do Pai e em caridade, termo e ponto de partida dos ensinamentos evangélicos.

As orações coletivas, quando os que as fazem se unificam no mesmo desejo, para o mesmo fim: o melhoramento moral seu e da humanidade e a glorificação de Deus, obram com grande eficácia e atraem as bênçãos do céu.

São uma prova de fervorosa humildade, e Deus ouve os rogos dos humildes — dos que, sentindo-se fracos e indignos dos favores superiores, unem suas aspirações em uma única e as elevam em comum.

São êsses, também, atos de verdadeira caridade, de solidariedade no bem, porquanto, cada um deposita no acervo comum a oferenda espiritual que sai dos tesouros da sua alma, formando tais oferendas uma nuvem de incenso, que elevam a Deus seus bemaventurados mensageiros.

É esta a razão por que as comunicações alcançadas nos centros ou reuniões espíritas são incomparavelmente superiores às alcançadas por médiuns isolados.

A oração que precede ao ato do médium tomar a pena para receber as instruções espirituais, e que deve preceder a todo o ato mediúnico, recebe o nome de evocação.

Dizemos que deve preceder a todo o ato mediúnico, porque os Espíritos superiores sentem tanta repulsão pelos atos frívolos, como complacência em acudir aos chamados dos que lhes pedem auxílio, dispostos a aproveitarem seus conselhos.

Póde-se assegurar, sem receio de que venham os fatos desmentir, que os fenômenos da mediunidade, provocados e realizados sem a devida preparação, são sempre diretamente produzidos por Espíritos superficiais ou imorais.

Para merecermos de Deus as comunicações de que

temos necessidade, precisamos pedí-las, mas pedí-las com fervor, recolhimento e bom desejo.

No ato da evocação, principalmente, o médium, e com él todas as pessoas que o acompanham e desejam proveitosas instruções, devem elevar o seu coração a Deus com o maior fervor, pedindo-lhe um raio da sua divina luz e a assistência de Espíritos elevados; devem uniformizar seus desejos, subordinando-os à vontade soberana — e, por último, devem ter o propósito de glorificar a Deus pela caridade, isto é, de cumprirem a lei moral que nos prescreve o amor a Deus e a benevolência aos homens, nossos irmãos.

Observando, além disto, um religioso silêncio e evitando a curiosidade, a impertinência, o orgulho e a hipocrisia, pôde-se esperar, com fundamento, a intervenção dos bons Espíritos, atraídos pela bondade dos desejos, e sempre dispostos a contribuirem para o bem da humanidade.

Meditem no que acabamos de indicar os católicos que temem as evocações, acreditando na existência do diabo, e reconhecerão que, mesmo que fôsse real tal existência, Deus não poderia, em sua justiça, entregar-nos às sugestões daquele inimigo, quando lhe pedimos luz e proteção do íntimo de nossas almas.

Feita a evocação, como fica exposto, devem-se esperar, com respeitoso recolhimento, os ensinos superiores, provocando-os com a continuação dos bons desejos, íman que atrai os Espíritos que ministram a palavra do Altíssimo.

E, pois que êles conhecem melhor do que nós as necessidades humanas e os meios mais eficazes de nos guiarem pelos retos caminhos da virtude, prudente será receber as inspirações que espontaneamente nos comunicam, sem pretender-mos sujeitá-los a perguntas sobre pontos determinados.

Não obsta isto que, num ou outro caso, os con-

sultemos sobre questões sérias, sempre, porém, procedendo com a maior cordura e humildade, e sem esquecer que a consulta deve ter um fim moral.

Não pretendamos, jámais, descobrir por meio dos Espíritos os segredos do futuro, nem meios de abreviar nossos trabalhos mentais, nem se devemos ou não praticar o que nos prescreve a consciência; porque, em tais casos, os Espíritos que vivem na luz calar-se-ão, e virão a confundir-nos os que vivem de enganar e seduzir.

X

Continuação do mesmo tema. Contradições em que incorre a igreja católica.

Convém desvanecer uma preocupação muito vulgarizada entre os que condenam ou ridicularisam o Espiritismo, sem conhecerem suas práticas, nem terem tomado o incômodo de estudar suas doutrinas.

Supõem, de boa ou má fé, que os médiuns se atribuem o poder de obrigar os Espíritos — de perturbar a paz dos sepulcros, arrancando deles, por meio de encantamentos ou palavras cabalísticas, as almas dos defuntos; de violar os segredos que oculta o silêncio da morte; de descobrir, pelos Espíritos, os arcanos do porvir, em uma palavra, de ordenar a seu talante as manifestações de além-túmulo, nem mais nem menos como se exercessem domínio absoluto sobre o mundo espiritual.

Se assim fôsse, o Espiritismo seria realmente o maior dos sacrilégios e a mais orgulhosa das profanações, e mereceria o desprezo e o anátema de quantos crêem na existência de Deus e na imortalidade da alma.

Por fortuna, semelhante suposição é caluniosa e balda de todo o fundamento.

Nenhum espírita tem a insensatez de atribuir-se autoridade de qualquer ordem sobre as almas e tudo es-

pera da bondade dos seus próprios atos e da permissão divina (1).

Nenhum pretende dominar a vontade dos que foram; antes, pelo contrário, busca em seus venerandos conselhos o melhoramento próprio e a vitória da virtude.

Sabe que é filho de Deus e pede confiante a seu Pai, que é o Pai de toda a humanidade, luz para conhecê-lo e sentimento para amá-lo.

É tão doce o nome de pai!... Ao pronunciarem-no os lábios, abre-se o coração a todas as esperanças; porque o bom pai dá a vida pela saúde de seus filhos — e nossa saúde está nas mãos do Pai que está nos céus.

A evocação espírita não é um esconjuro supersticioso ou maléfico; é uma oração humilde e respeitosa, que se eleva ao Sér Supremo, afim de que se digne inspirar-nos e fortalecer-nos na prática do bem, com o conselho dos Espíritos que, durante a vida terrena, conquistaram, por suas virtudes, o prêmio dos justos e a admiração dos homens.

É o terno suspiro do filho que invoca a proteção do Pai, é a fraqueza da criatura que se acolhe ao amparo do Creador, é o gemido dorido do enfermo que procura a saúde, é o acento da alma que deseja agradar a Deus e conhecer sua vontade, para respeitá-la e cumprí-la.

Não são cristãos estes propósitos e estas práticas? Diferem, porventura, das práticas e propósitos que derivam da moral evangélica?

São as evocações mais do que preces dirigidas a Deus, pela intercessão dos nossos protetores, os santos,

(1) Não basta dizer-se espírita, é preciso conhecer as doutrinas e práticas. Não faltam espíritas de nome, que entendem tanto do Espiritismo, como a maior parte dos católicos romanos entendem do Catolicismo romano.